

CUÍCAS, PELOTAS E COROAS:

CULTURA OPERÁRIA E POPULAR
EM SÃO PAULO (1950-1964)

Murilo Leal Pereira¹

O calendário operário

A história social reconheceu desde, pelo menos, os anos 1960, a cultura como dimensão constitutiva da realidade, passando, então, a elaborar ferramentas de análise e a produzir estudos de caso destinados a refinar a compreensão das mediações entre o ser social e as formas de consciência. No campo do marxismo, Edward Palmer Thompson foi um pioneiro nesses estudos. Em grande medida as linhas que se seguem inspiraram-se na obra desse historiador. Entendemos, aqui, cultura como conjunto de valores e significados atribuídos a relações e práticas sociais. Esses valores incorporam-se e se expressam em artefatos, rituais, comportamentos. Embora essa cultura esteja conectada a certas condições materiais da vida coletiva, e por isso acreditamos ser possível falar em uma “cultura

operária”, o campo da cultura é, também, uma arena de lutas e contradições e não um nicho ou repositório de formas peculiares. O presente artigo é uma versão modificada do capítulo 7 de nossa tese de doutorado, “A reinvenção do trabalhismo no ‘vulcão do inferno’”. Naquele texto pudemos reconstituir detalhadamente o universo econômico e político dos anos 1950 e início dos 1960 no qual a “cultura operária” aqui analisada funcionava: a situação de pleno emprego em São Paulo, em uma conjuntura de acelerada industrialização; a formação profissional dos novos contingentes operários na própria prática no chão da fábrica; o poder real e simbólico dos sindicatos; a dinâmica do sistema político populista. Assim, chamamos a atenção do leitor para essa perspectiva de análise: tentamos pensar a cultura como processo, sofrendo a ação dos agentes sociais no tempo, condicionados, por sua vez, por possibilidades e impossibilidades oferecidas pela economia, as relações sociais e as configurações do poder.

Uma das dimensões pelas quais uma cultura se manifesta é a temporal, na criação de um calendário próprio a demarcar ritmos de trabalho, festas e lutas. O exame da maneira como metalúrgicos e têxteis de São Paulo organizavam o seu tempo no ciclo anual poderá, portanto, oferecer-nos pistas sobre valores compartilhados e significados atribuídos aos eventos.

O calendário festivo tinha início com o Carnaval. Tanto têxteis quanto metalúrgicos promoviam seus próprios bailes – faltam, porém, informações mais precisas sobre a partir de quando isto começou a ocorrer. Em 1959, um diretor do Sindicato dos Têxteis apresentou em uma reunião de diretoria a proposta de se realizarem bailes carnavalescos – o que sugere não ter sido essa uma prática freqüente anteriormente. “Depois de muito discutida” a proposta foi aprovada: seriam promovidos seis bailes no Cine Catumbi².

É interessante observar que o jornal do então Partido Comunista do Brasil (PCB), *Notícias de Hoje*, mantinha, em 1954, a coluna “Cuícas e Tamborins”, com notícias sobre o Carnaval – revelando, provavelmente, o interesse pela festa entre os trabalhadores mais organizados, como eram os leitores do jornal, e também a sensibilidade do PCB para as manifestações de cultura popular.

Nos metalúrgicos, em 1955, o Carnaval era promovido pelo Grêmio Esportivo Metalúrgico, entidade recreativa que funcionava paralelamente à diretoria, mas em 1959 parece ter sido assumido pela própria direção do sindicato – quando foram promovidos, assim como nos têxteis, “seis grandes bailes” (“quatro soirés e duas matinés”)³. Em 1960, repete-se o formato, ressaltando o jornal do sindicato tratar-se de uma festa “para os associados e suas famílias” – com prêmios para a “mais bela fantasia e o melhor folião”⁴. Em 1962 os bailes se repetiram, com “concursos de fantasias e outras surpresas”, apesar da oposição do 1º Secretário, Afonso Delellis, que em reunião

de diretoria afirmara: “Nos nossos bailes o comparecimento de associados é diminuto e os nossos bailes só têm criado situação embaraçosa”, não sendo possível aferir tratar-se de manifestação de falta de espírito carnavalesco ou opinião balizada pelos fatos. Caso a segunda hipótese tenha fundamento, significa que o baile do sindicato não fazia muito sucesso – talvez porque os sócios preferissem comemorar o Carnaval em outros ambientes, quem sabe mais próximos à vida e à cultura popular de bairro⁵.

O Dia do Trabalhador metalúrgico⁶

A partir de 1957, o Sindicato dos Metalúrgicos passou a comemorar o 9 de abril como dia nacional da categoria. A data fora escolhida na 1ª Conferência Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos, realizada em Volta Redonda, de 17 de abril a 1º de maio de 1956, e fazia alusão à fundação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). No mesmo evento, Tiradentes foi escolhido como patrono da categoria e “símbolo de que os trabalhadores metalúrgicos lutam sempre pela independência econômica e em defesa da indústria nacional”⁷ – ou seja, na ausência de uma figura heróica com densidade o suficiente para projetar-se no imaginário da classe, a figura construída pelo imaginário republicano como herói nacional, com componentes cristãos, como demonstrou José Murilo de Carvalho, foi adotada⁸.

E assim, o 9 de abril tornou-se uma espécie de “data oficial” da categoria: celebrada sempre com a presença de autoridades e a conotação de defesa do progresso da pátria e da indústria nacional. Na comemoração de 1957, estavam presentes “autoridades federais e locais, líderes sindicais (...) e numerosos trabalhadores metalúrgicos”. A banda da Elevadores Atlas executou o Hino Nacional, artistas da Rádio Nacional apresentaram um show e o representante do Ministério do Trabalho inaugurou exposição de “peças manufaturadas pelos metalúrgicos”⁹. Em 1961, foi apresentado, na comemoração, o “Hino dos Metalúrgicos”, com letra e música de Carlos Batista de Lima:

Metalúrgicos, orgulho de nossa arte,
Trabalhadores pra grandeza da Nação
Metalúrgicos, teremos de lutar
Com coragem e ardor no coração

Metalúrgicos!... Avante,
Cada um na sua profissão,
Todos unidos seremos fortes,
Para nossa maior proteção

Seja ferreiro, mecânico, fundidor
Eletricista, serralheiro, modelador
O sindicato defende nossas lidas
Devemos apoiá-lo com ardor.¹⁰

Podemos identificar, no hino, alguns temas recorrentes nas matérias dos jornais sindicais, em cartas de operários endereçadas a esses periódicos e nos discursos de sindicalistas: o orgulho das habilidades profissionais, aqui evocadas como “nossa arte”, a condição de esteios da grandeza nacional e a importância da união da classe. No período em questão, esses parecem ser alguns componentes da cultura operária. É interessante observar que o saber profissional recebe aqui a antiga denominação de “arte”, associada a um tempo pretérito, das habilidades artesanais, objetivamente liquidadas pela produção capitalista, mas recriadas com outros significados pelo discurso e práticas operárias.

Páscoa e Dia das Mães

Aparentemente a Páscoa não era comemorada pelos sindicatos, provavelmente por ser uma data do calendário católico, seguindo sua própria tradição. Há, porém, evidências de que as empresas promoviam seus eventos. Em julho de 1955, realizou-se a “segunda comunhão pascal dos empregados da Companhia Ford”, e em 1961 o Sindicato dos Têxteis parece ter sido obrigado a cancelar uma assembléia com os operários e operárias de Barueri – marcada para o mesmo dia em que a Fiação Sul-Americana, sediada naquele município, promoveu uma festa de Páscoa para seus funcionários¹¹.

Como na grande literatura, o tema da maternidade inspirava a poesia operária. Em maio a página cultural de *O Metalúrgico* se enchia de poemas em homenagem à mãe proletária ou, simplesmente, à maternidade¹². Também eram publicadas obras de autores consagrados, como Jorge de Lima – “Mulher proletária” – e Augusto Frederico Schmidt – “Visita à casa materna”¹³.

Na comemoração do Dia das Mães eram promovidas festas, com shows, “matinês dançantes” e curiosas seções de prêmios, no caso dos metalúrgicos, aparentemente a cargo do Departamento Feminino¹⁴. Em 1957, por exemplo, o sindicato arrecadou um fogão a gás e mil cruzeiros com o vice-governador Porfírio da Paz, uma bateria de cozinha com a empresa Rebistamp S/A, um cobertor com o delegado regional do Trabalho, uma fruteira de prata na Metalúrgica Régia, e o delegado do IAPI ofereceu medalhas que foram distribuídas, a título de premiação, para a mãe com o maior número de filhos – 13! –, a mais idosa, a mais jovem e para aquelas que mereceram “Honra ao Mérito”¹⁵.

O evento foi registrado novamente em 1959 e em 1962 – embora nesse segundo momento sem a premiação. O significado atribuído à festa pelo jornal dos metalúrgicos revela um pouco dos valores patriarcais presentes no meio operário: “O ambiente festivo traduziu todo o carinho devotado pelos trabalhadores à mãe, rainha do lar, que merece todo o nosso respeito”¹⁶.

O 1º de Maio

Um dos eventos mais importantes no calendário operário era, certamente, o 1º de Maio. Os esforços de apropriação da data foram – na interpretação de Eric J. Hobsbawm – proporcionais à fidelidade emocional dos operários a ela¹⁷. Os bolcheviques foram os primeiros a decretar feriado no dia, seguidos pelos nazistas. Data fundamental no calendário de comemorações do Estado Novo, começou a ser festejada sob a direção do governo em 1938, quando foi “presenteadá” aos trabalhadores a regulamentação do salário mínimo¹⁸. De 1939 a 1945 foi sempre comemorado em grandes estádios – São Januário ou Pacaembu¹⁹. No Segundo Governo Vargas, foi retomada a prática dos discursos dirigidos aos trabalhadores, das festas em espaços abertos. Como qualificou Paranhos, tratava-se de uma “luta de representações”²⁰.

Certamente, a representação dos proletários construída pelos políticos populistas – e particularmente por Vargas – foi um desses espelhos nos quais os próprios proletários puderam se mirar. E muito de sua auto-imagem, nos anos de 1950, construiu-se por esse reflexo. No que diz respeito ao 1º de Maio, a prática dos desfiles encabeçados por mulheres de branco empunhando a bandeira nacional, por exemplo, parece ter exercido forte atração, sendo reencontrada em passeatas operárias em greves e nos desfiles de 1º de Maio organizados pelos sindicatos. A simbiose entre data dos trabalhadores e data nacional – decorrente da idéia de que os operários representavam a nação – foi outra invenção varguista incorporada nas comemorações posteriores dos sindicatos. Mas a “luta das representações”, vencida pelo Estado durante o período ditatorial de 1937 a 1945, foi retomada nos anos de 1950 e pode-se dizer que a fala “roubada” anteriormente foi, de certa forma, recuperada.

A reapropriação da data representa momento significativo da afirmação da classe trabalhadora nos anos 1950. A matéria de capa de *O Metalúrgico*, em 1953, não deixa dúvidas sobre a formação de um novo discurso. Dizia: “Glória eterna aos mártires do 1º de Maio que, organizados, se sacrificaram orientados no sentido da revolução social, pela luta de classes para a conquista de leis para os trabalhadores”²¹.

De fato, a retomada do 1º de Maio como uma data dos trabalhadores começava em 1953²². O movimento sindical paulista se dividiu: uma parte

dirigiu-se a Volta Redonda, onde ocorreram as comemorações oficiais, a outra organizou uma grande manifestação, com cerca de 10 mil trabalhadores, no Hipódromo da Mooca, segundo *O Metalúrgico* “sem a tutela governamental ou sob os auspícios de organizações semi-oficiais” – referindo-se, com certeza, ao Serviço Social da Indústria (Sesi)²³.

O evento no Hipódromo da Mooca foi promovido pelos sindicatos que participaram da greve de março-abril, conhecida como “Greve dos 300 mil”, e outros: têxteis, metalúrgicos, vidreiros, gráficos, marceneiros, químicos e farmacêuticos, bancários, alfaiates, hoteleiros, jornalistas. Vários oradores “acentuaram que as comemorações do dia, depois de longos anos no Brasil, eram realizadas livres da tutela ministerial e de organizações quase oficiais”. O Partido Comunista, o Partido Socialista e a Juventude Operária Católica (JOC) distribuía seus panfletos. Faixas protestavam contra o Decreto-lei nº 9070²⁴, o racionamento de energia elétrica, a alta dos preços e a “incúria do governo e do Congresso no que diz respeito à solução dos problemas que interessam à coletividade”²⁵.

As comemorações também tiveram caráter festivo: show de música popular e humorismo com artistas do Grêmio Juvenil Tupi, partidas de futebol entre equipes dos sindicatos, “alguns concursos” – não esclarecidos, mas provavelmente de rainha e princesa do dia. Mais tarde, foram realizados coquetel no Sindicato dos Bancários e baile no Salão Piratininga. Tudo isso provavelmente retomava aspectos de uma tradição de “festivais operários”, iniciada em 1917²⁶.

Em 1954, o 1º de Maio foi organizado pela Comissão Intersindical de São Paulo, que viria a transformar-se no Pacto de Unidade Intersindical (PUI). Mais uma vez destacava-se: “Organizações sindicais de trabalhadores levaram a efeito nesta capital várias comemorações do ‘Dia do Trabalho’, modificando assim a tradição antiga de comemorar esse dia com programa traçado pelo governo e por entidades patronais”. O avanço dos trabalhadores na “luta das representações” pode ser avaliado por um fato: no Hipódromo da Mooca foi inaugurado oficialmente pela prefeitura o “Estádio Proletário”²⁷.

Apesar de não ser oficial, o evento foi aberto pelo representante da Prefeitura, que inaugurou o estádio após hastear a bandeira nacional, contou com a presença de deputados estaduais e foi encerrado com o Hino Nacional. Muitas atividades festivas se deram: violeiros de Piracicaba entoaram canções regionais, um coral da Prefeitura executou músicas brasileiras, apresentaram-se um trio do Sindicato dos Metalúrgicos, uma cantora-mirim e um violeiro idoso. Não podiam faltar os torneios de futebol e de boxe, o concurso de Rainha dos Trabalhadores, o show com artistas do rádio e os discursos dos sindicalistas, sendo citados vários nomes ligados ao PCB: Armando Mazzo,

Eugenio Chemp, Ramiro Luchesi. Nota-se, portanto, uma combinação de valores de classe – como na denominação do estádio (“Estádio Proletário”) e na afirmação da independência do evento em relação ao governo e aos patrões – com símbolos nacionais, como a bandeira e o hino; elementos de cultura popular – os violeiros de Piracicaba – e da cultura de massas: artistas de rádio. Configurava-se, assim, o campo heterogêneo e aberto no qual se elaboravam os contornos de uma cultura operária e popular.

Em 1955, parece ter havido um recuo na defesa de uma comemoração organizada e realizada autonomamente pelos trabalhadores. O evento foi transferido do Estádio Proletário para o Parque D. Pedro II, em frente ao Sindicato dos Gráficos, e a Prefeitura encarregou-se de armar o palanque e tomar providências “para preparar o local garantindo comodidade às famílias”²⁸. O Prefeito William Salem compareceu, acompanhado do vice, Porfírio da Paz. Também se fizeram presentes o candidato a prefeito pelo Partido Social Progressista (PSP, “adhemarista”), Juvenal Lino de Matos, e o vice, Wladimir Toledo Piza – que teriam recebido apoio dos dirigentes sindicais presentes, como “legítimos representantes do povo de São Paulo”²⁹. Isso não significa que o evento saíra inteiramente do controle dos trabalhadores. No Sindicato dos Têxteis, por exemplo, foi eleita, na assembléia de 21 de abril, uma comissão com sete nomes, responsável pela “orientação e organização do 1º de Maio”³⁰, e o jornal metalúrgico insistia que “pouco ou quase nada se tem procurado esclarecer ao trabalhador da origem do 1º de Maio. O que em realidade fazem os ‘donos do trabalho’ é ocultar o seu significado com festinhas e mais festinhas”. O mesmo jornal, porém, veiculava pontos de vista inteiramente opostos a esse, como o manifestado pelo metalúrgico Hermenegildo Guarnieri:

Primeiro de Maio! Lindo mês de Maria!

Justamente o seu primeiro dia é a festa dos trabalhadores, os quais respeitam as leis de Deus, lutando e se conformando com a sorte que lhes foi destinada, trabalhando, sustentando a luta para uma união cada vez mais sólida para que assim possam vencer.³¹

A programação de 1955 teve início às 7 da manhã, com a concentração dos trabalhadores em seus respectivos sindicatos, marchando em desfile para o Parque D. Pedro, com o “estandarte sindical à frente, conduzido pelos diretores e comissões femininas”³². Os festejos transcorreram das 8 às 18 horas e participaram os sindicatos dos metalúrgicos, têxteis, gráficos, marceneiros, trabalhadores em laticínios, ferroviários, jornalistas, trabalhadores em carnis urbanos, vendedores ambulantes, funcionários públicos, construção civil. Não faltou o pugilismo, o concurso da Rainha dos Trabalhadores, música re-

gional e show de artistas amadores e da TV. O tom dos discursos deu ênfase à defesa da liberdade sindical, com críticas ao Ministro Alencastro Guimarães, que anulava eleições de têxteis e metalúrgicos³³. Entretanto, o interesse dos trabalhadores parece não ter sido grande: o agente do Dops de plantão estimou em quinhentos o número de pessoas presentes. Qualquer que tenha sido a margem de erro, a multidão estava longe dos 10 mil trabalhadores registrados em 1953.

De 1956 a 1960 as comemorações novamente perderam sua autonomia e os sindicatos voltaram a aderir aos festejos oficiais, organizados com a participação do Sesi. Cabe lembrar que essa entidade, a partir de 1947, encarregou-se de reproduzir o modelo de comemorações realizadas pelo Estado Novo, transformando, nas palavras de Weinstein, “uma comemoração tradicional da militância e do sacrifício operário numa celebração da paz social”³⁴. A diferença é que, na versão do Sesi, a indústria, e não o Estado, ocupava uma posição de destaque, enfatizando-se a harmonia entre capital e trabalho. A participação nos festejos do Sesi, que crescera em todo o estado de São Paulo em 1952, caiu para menos da metade em 1953³⁵. A reaproximação dos sindicatos com o Sesi, em 1956, foi justificada pelo Secretário-Geral do Sindicato dos Metalúrgicos, Aldo Lombardi, com o argumento de que “as comemorações com mais recursos do Sesi sempre atraíam maiores multidões que os eventos promovidos pelos sindicatos”³⁶. De fato, os sindicatos por sua conta teriam dificuldades para organizar uma programação com torneios de futebol varzeano, torneio sindical e torneio comercial, futebol de salão, parque de diversões, shows artísticos, bola ao cesto, aeromodelismo, corrida de lanchas, pedestrianismo, motociclismo, ginástica, voleibol, jiu-jitsu, boxe, ciclismo, queima de fogos, churrasco, marionetes, cinema e baile, como a preparada pelo Sesi em 1956³⁷. Mas outros fatores, certamente, contribuíram para que a balança da “luta de representações” pendesse, novamente, para o lado do Estado. Juscelino Kubitschek assumira em 31 de janeiro, após um período turbulento de ameaças à democracia e à liberdade sindical. O PCB, embora mantivesse formalmente a “linha do Manifesto de Agosto”, mudara sua prática a partir de 1955, privilegiando, nas palavras de Loner, “acordos de cúpula e atividades eleitorais”³⁸.

O apagamento da independência de classe nas comemorações do 1º de Maio em 1956 impressiona mais quando constatamos que os sindicatos se somaram ao tradicional desfile do Sesi pela manhã, no Vale do Anhangabaú, com carros alegóricos das diversas empresas acompanhados por seus respectivos operários. O cotonifício Guilherme Jorge, por exemplo, teria apresentado “bela alegoria, constando de várias moças representando as antigas fiandeiras egípcias, demonstrando ao público os primitivos métodos de fia-

ção”³⁹. Quanto aos festejos vespertinos, no Parque do Ibirapuera, a matéria de *O Metalúrgico* não deixa dúvidas sobre seu caráter, ao descrever a “cerimônia oficial de encerramento”: presentes no “palanque oficial” o prefeito Wladimir Toledo Piza e senhora, o general Falconieri da Cunha, comandante da Zona do Centro, o bispo auxiliar D. Vicente Zioni, deputados federais, estaduais, vereadores e – claro – também líderes sindicais⁴⁰.

A partir de 1960, o movimento operário mobilizou-se para se reapropriar da data. Naquela ocasião, manteve-se a festa oficial pela manhã no Vale do Anhangabaú, mas os sindicatos comemoraram na sede dos metalúrgicos a seu modo: lembrando a luta dos mártires de Chicago e ouvindo uma palestra de Edgard Leuenroth⁴¹. Nos anos seguintes cresceu o repúdio ao Sesi e seus “festejos de ordem recreativa ou desportiva” – no dizer do jornal do Sindicato dos Padeiros –, e os célebres desfiles de carros alegóricos acabou sendo extinto⁴². Coube ao MSD⁴³, em 1962, representar o governo, os patrões e a Igreja, na “luta de representações”: promoveu festejos na Praça da Sé, destacando a imagem de Nossa Senhora da Penha, com a presença do cardeal Mota, do vice-governador Porfírio da Paz e do ministro do Trabalho, Franco Montoro⁴⁴.

Quanto aos sindicatos combativos, pareciam despertar de novo para os significados de luto e luta do dia. Em 1961, o Conselho Sindical dos Trabalhadores organizou uma “reunião monstro” no Cine Paramount, com a conotação de ruptura em relação aos “treze anos” anteriores em que “a data máxima do trabalhador era comemorada por entidades patronais”⁴⁵. Ao invés de festa, reivindicações: selou-se o compromisso de luta pela revisão do salário mínimo, reajuste geral de salários e escala móvel, programou-se passeata por aumento geral de salários e contra a carestia. Curiosamente, coube a um desinformado delegado regional do Trabalho encerrar o evento afirmando que “pela primeira vez na história” o 1º de Maio era feito pelos próprios trabalhadores⁴⁶.

Portanto, se pudermos perceber o 1º de Maio como manifestação de cultura de classe, pode-se dizer que a construção da cultura e, portanto, da própria classe, constitui um campo de contradições e embates.

Pensando o 1º de Maio no tempo, é interessante notar que no início do período 1950-1964 a organização dos festejos era controlada pelo Ministério do Trabalho e os significados veiculados evocavam a harmonia social e o papel beneficente do Estado, embora – é importante notar – artigos no jornal do Sindicato dos Metalúrgicos, que apoiava os festejos oficiais, não esquecessem de mencionar os mártires de Chicago. A greve de 1953 marca uma ruptura prática e simbólica com o 1º de Maio controlado: organiza-se um evento de massas no Hipódromo da Mooca – cujo estádio logo foi rebatizado de “Proletário” – e o caráter de classe do dia é reativado. Nos três anos seguintes as comemorações parecem reunir as duas características próprias às comemora-

ções operárias dos anos 1920: de festa e evento político. Os anos do governo Kubitschek aparecem – pelo ângulo aqui examinado – como um momento muito forte de ofensiva ideológica das classes dominantes, representadas no projeto desenvolvimentista, ofuscando o caráter de classe do 1º de Maio. Certamente a adesão do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e do PCB ao desenvolvimentismo muito contribuiu para isso. Os anos 1960 assinalam uma crise desse projeto e um enfraquecimento dos controles ideológicos. Verifica-se uma espécie de reencontro entre os sindicatos e a data dos trabalhadores. A extinção dos desfiles do Sesi e a separação entre comemorações patronais-governamentais e proletárias indicam um enfraquecimento da hegemonia cultural burguesa – mas as comemorações de vanguarda no Cine Paramount não recuperam o lado festivo da data. Estão ausentes os concursos de rainha, as lutas de boxe e os shows musicais – embora em 1962 entre em cena o teatro do Centro Popular de Cultura (CPC). Assim, o “reencontro” com a data é – pode-se dizer – de uma vanguarda militante, mas não da massa.

Festas juninas

A chegada à metade do ano era marcada, no calendário operário, com grande entusiasmo, pelas festas juninas. Assim como a Páscoa e o Dia das Mães – e diferentemente do 1º de Maio e do dia da categoria profissional –, tratava-se de uma data compartilhada do calendário operário e popular, sendo comemorada nos sindicatos e bairros.

O exemplo mais impressionante da reconstrução das tradições da festa junina encontramos na inauguração da sub-sede do Sindicato dos Metalúrgicos em Guarulhos, em junho de 1961. As festividades parecem ter começado com o “desfile do casamento sertanejo” pelas principais ruas da cidade, rumo ao Estádio Fioravante Iervolino. A Banda Musical do Sindicato dos Condutores de Veículos de Guarulhos, que “animou intensamente as festividades” “garbosamente”, tendo sido “aplaudida com delírio pelo povo”, puxava o cortejo, enquanto “o povo em massa” acompanhava. Carros de boi e troles enfeitados carregavam “os noivos”, “o padre”, “o delegado”, “o escrivão” e “os convidados”, e os peões “Cavalheiros de Guarulhos” acompanhavam.

A festa foi animada pela Congada Preto de Branco de Cocaia; a Companhia São Benedito e Nossa Senhora da Graça, comandada pelo mestre Calixto; a quadrilha de Santa Isabel, sob o comando do mestre João da Gráfica; os Traça-Fitas de Santa Isabel (esclarecendo-se tratar-se de “conjunto folclórico comandado pelo Espiridão”); os Caititeiros de Guarulhos (“roda de violeiros orientados pelo Antônio e Pedrão”); e ainda contou com a participação das duplas metalúrgicas Bugrão e Bugrinho, Pinhão e Penteado, além de violeiros,

cantores e conjuntos regionais – entre eles o Trio Tropeiro do Sul, o Regional do Garoto e o Regional Testaí. Havia churrasco, pipoca, quentão e bebidas. O baile, animado, prosseguiu até meia-noite.

Não faltaram autoridades de todos os naipes: o delegado regional do Trabalho, o prefeito de Santa Fé do Sul, o presidente da Câmara Municipal de Guarulhos, o representante do Tribunal Regional do Trabalho (TRT), do Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência (Samdu), e os trabalhadores aproveitaram para entregar-lhes “diversos memoriais reivindicando a solução de diversos problemas atinentes à categoria”⁴⁷.

Uma comissão de catorze metalúrgicos e metalúrgicas, liderados por Luiz de Barros, foi responsável pela organização.

A partir de 1956, encontramos registros da realização de festas juninas na sede do Sindicato dos Metalúrgicos, em São Paulo⁴⁸. A publicação da programação de 1957 oferece-nos uma idéia das atividades realizadas: “*Ressonar sem dormir*; comédia em um ato – Show com participação de artistas do rádio – Baile caipira.”⁴⁹ Em 1959 eram anunciadas as “Festas juninas dos trabalhadores”, com baile a caipira no Pacaembu⁵⁰. Em 1962, previa-se uma intensa programação festiva para o mês de maio – inclusive um “baile dos namorados” no dia 16 –, destacando-se o lançamento da pedra fundamental da sub-sede de Santo Amaro, no dia 10, com “festejos juninos e lançamento do concurso para a eleição da caipira mais simpática”; o “baile junino” na sede central no dia 23; e o baile na sub-sede de Osasco, “com enceramento do concurso da caipira mais simpática”⁵¹.

O Sindicato dos Têxteis também organizava suas festas juninas, e em 1957 foi designada uma comissão para esse fim⁵².

Campanhas salariais: poesia e festa

Os acordos intersindicais de têxteis e metalúrgicos venciam em novembro, quando, então, tinham início as campanhas salariais. Portanto, outubro, novembro e dezembro eram meses de mobilização e luta no calendário dos operários e operárias. A mobilização muitas vezes estimulava manifestações culturais, introduzindo a festa e a arte no calendário de lutas. Podiam ser poemas contra a carestia, como este assinado por Alcibíades J. Silva:

A carestia

A respeito da carestia, agora vou lhi contá
Quando us homem chega em casa escuita a mulhé falá,
Qui u dinheiro acabô, a vida está di amargá

Fica quietinha, mulhé, Domingo vou trabalhá
I também us feriado, dinheiro tem que sobrá
Um quilo di feijão preto cem cruzeiro vai custá

As exploração du povo até us tonto já viu
Só escuita dizê este objeto subiu
Mas não escuita dizê qui os exploradô caiu.

(...)
Entrei numa venda prá comprá mortadela
Uma bicha mi via bem no meio da güela
Por causa da carestia eu fui embora sem ela
A vida está de amargá e as coisa sem tabela.⁵³

O poema é significativo por sua linguagem ousadamente modernista – adotando o falar caipira, evocando assim um universo sociocultural ao qual a classe operária estava intimamente ligada. O tema da carestia parece ser uma novidade em termos literários – pouco freqüentado pela grande literatura, revelando, assim, o cruciante drama das condições de consumo do trabalhador. O papel da mulher, caricaturizado aqui, confirma sua importância na tomada de consciência da classe sobre o problema da carestia e na mobilização por possíveis soluções. Não faltam, ainda, as figuras do “exploradô” e a menção à “tabela” de preços, referindo-se a uma das metas imediatas principais da luta contra a carestia: o tabelamento, pelo governo, dos gêneros de primeira necessidade.

Em 1960, os metalúrgicos sustentaram uma greve do dia 31 de outubro a 7 de novembro, com adesão avaliada em 100%. A luta inspirou o cantor metalúrgico Teo Macedo – José Teotônio Macedo – a compor uma canção. Cabe dizer que três anos depois o cantor gravou uma marcha carnavalesca com o sugestivo título “Eu vou beber”, pela gravadora Iracema⁵⁴. A homenagem à greve também saiu em ritmo de marcha:

Vitória dos Metalúrgicos

Letra e música de Teo Macedo

Alerta metalúrgicos
Festejamos nossa vitória
Operário também tem glória (bis)
A força está em nossas mãos
Para acabar com a exploração

Por isso fizemos unidade
Nessa greve houve realidade.⁵⁵

Além da temática recorrente em canções e poemas do gênero, alusivas a unidade e à luta contra a exploração, chama a atenção o sentido ao mesmo tempo literal e metafórico do verso “a força está em nossas mãos”, referindo-se ao potencial criador do trabalho manual e da classe operária como sujeito coletivo. Merece, ainda, reflexão o verso “operário também tem glória”. O advérbio “também” estabelece relação de comparação com outro grupo social, diferente do operariado, portador de “glórias” reconhecidas e admiradas. Qual seria esse grupo? Talvez os heróis nacionais, criadores dos “grandes acontecimentos” de nossa história. Talvez os grupos populares, capazes que conquistar a glória por meio da participação em escolas de samba ou clubes de futebol. Diferentemente, a glória do operário só poderia decorrer de sua ação coletiva, da greve. Aliás, também chama a atenção o último verso, “nessa greve houve realidade”, disparatado à primeira vista, mas sugestivo dos variados sentimentos e percepções que os trabalhadores poderiam vivenciar em relação às greves. O que diferenciaria uma greve “sem realidade” de outra “com realidade”? O verso pode indicar que os operários percebiam que alguns movimentos tinham existência mais nos discursos de dirigentes sindicais, eventualmente de deputados e vereadores solidários com o movimento, no material de propaganda do sindicato, do que na realidade do trabalhador. A greve “com realidade” seria aquela que ganhava corpo e vida no querer e sentir da própria classe.

No 1º de Maio de 1962, a jovem Maria Tereza Marques declamou, de sua autoria, o poema “Ao ver-te operário”, e foi bastante aplaudida. Os versos foram publicados na primeira página do jornal dos metalúrgicos e – embora não seja possível garantir que a autora era metalúrgica ou mesmo trabalhadora – reafirmavam uma tradição cultural herdada da imprensa operária do início do século: a publicação de poemas de autores consagrados ou de simples operários. O poema de Maria Tereza Marques, certamente inspirado no de Vinicius de Moraes, e em outras composições da Coleção Violão de Rua⁵⁶, dizia:

Ao ver-te, operário amigo,
Vejo em ti o segundo construtor do mundo.
De tuas calejadas mãos saem as mais lindas
Obras que um homem pôde criar um dia
(...)
Ao ver-te diante das injustiças que os superiores
Sobre ti descarregam, penso em libertar um dia.
E pô-lo sobre o poder. Lutas comigo, operário amigo,

Compartilhemos juntos e abra os olhos,
Olha o inimigo que quer esmagar-te
Ergue-te, acorda-te GIGANTE!⁵⁷

Cabe observar que, assim como os poemas analisados por Foot Hardman, os versos publicados em *O Metalúrgico* são convencionais na forma, mas peculiares quanto ao tema, representando uma poesia significativa como expressão do universo cultural do qual emergia⁵⁸.

Aniversário do Sindicato⁵⁹

O Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo foi fundado em 27 de dezembro de 1932. O calendário da categoria previa comemorações da data no período de final de ano. Em 1955, por exemplo, foi organizada uma festa pela passagem dos 23 anos da entidade, com a presença do delegado da DRT, de representante da Federação das Indústrias, do Prefeito, de representantes de outras entidades sindicais e muitos associados. Houve show musical para associados e filhos e a apresentação de “Nhô Maneco”, do Grupo Dramático Terra Brasil, além da distribuição de doces às crianças e o oferecimento de um coquetel aos presentes⁶⁰.

Quando o Sindicato dos Metalúrgicos completou 25 anos de vida, o “jubileu de prata” foi comemorado com festas que se estenderam de outubro a dezembro, “verdadeira apoteose”, segundo *O Metalúrgico*.

De fato, a abertura das festividades, no dia 5 de outubro, já contou com a presença do ministro do Trabalho, Parsifal Barroso. Apresentou-se, inicialmente a Banda de Música dos Trabalhadores da Elevadores Atlas, em seguida houve a “abertura solene”, com a posse da “Comissão Executiva dos Festejos do Jubileu de Prata dos Metalúrgicos”, coquetel às autoridades e, finalmente, “grande show” de “canto, arte e música” com participação de “elementos metalúrgicos e artistas da Rádio Nacional e TV Paulista”⁶¹.

O calendário dos festejos do jubileu acabou combinando-se com o da Greve dos 400 mil e, assim, no dia 22 de outubro, em plena greve, realizou-se um show em homenagem aos trabalhadores⁶².

No dia 9 de novembro o “Departamento Social” da “Comissão de Festejos”⁶³ promoveu “grandioso show artístico” nos salões do Lusitano F.C., no Pari, quando também apresentou-se o Teatro Popular de Comédias. No dia 16 de novembro realizou-se “grandioso baile” na sede social, com a apresentação das candidatas à Rainha do Jubileu de Prata⁶⁴.

O calendário de festejos prosseguia intenso:

- 23 de novembro: programação com show no Club Atlético União Indianópolis
- 24 de novembro: show no 7 de Setembro F.C., na Freguesia do Ó
- 30 de novembro: show no União Vila Augusta, de Guarulhos
- 7 de novembro: show variado, com presença do consagrado Genésio Arruda, no Club Atlético Siderúrgica J. Aliperti, na Barra Funda
- 8 de dezembro: show variado na Associação Atlética Az de Ouro, da Casa Verde
- 14 de dezembro: show no Grêmio Dramático Recreativo e Beneficente Rui Barbosa, da Penha
- 15 de dezembro: Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André
- 19 de dezembro: 7 de Setembro, na Freguesia do Ó
- 21 de dezembro: Esporte Club Cruzada Paulista, no Ipiranga
- 22 de dezembro: pela manhã – show infantil com distribuição de balas e presente. À noite – peça teatral “Noites de Natal”, escrita e dirigida por Milton José Assunção
- 23 de dezembro: show em homenagem ao Natal dos Pugilistas, na União Pugilista do Brasil
- 27 de dezembro: na sede social à noite – sessão solene do 25º aniversário com altas autoridades civis, militares e eclesiásticas. Bolo, programa de canto, artistas do rádio e TV.
- 28 de dezembro: grande baile na sede social. Coroação da rainha e das princesas.
- 29 de dezembro: torneio de futebol reunindo as várias equipes dos trabalhadores metalúrgicos. À tarde: baile no Estádio Distrital da Mooca e à noite, encerramento com fogos de artifício.⁶⁵

A programação parece-nos interessante por oferecer a possibilidade de vislumbrar a gama variada de clubes e entidades de bairro aos quais o sindicato vinculava-se de alguma forma. Por outro lado, a insistência em uma festa “apoteótica” parece decorrer da necessidade de legitimação do sindicato como instituição grande e forte, e também parece constituir aspecto da própria cultura operária, ou pelo menos dos setores mais vinculados ao sindicato: a procura de “respeitabilidade” diante da cultura dominante⁶⁶.

Piqueniques de final de ano

Em 1958, o aniversário do Sindicato dos Metalúrgicos foi comemorado na Praia José Menino, em Santos, com um “grandioso piquenique” organizado pelo Departamento Recreativo. Estavam previstos “baile, jogos e banho de

mar” e a apresentação do “Conjunto de Ritmos”, formado por metalúrgicos. Os convites davam direito a “condução, cabine e baile”⁶⁷. Cinquenta associados, com suas famílias, estiveram presentes⁶⁸.

Um dos mais memoráveis piqueniques de final de ano ocorreu no Parque de Vila Galvão, em 20 de dezembro de 1954. Também designado como “grandioso pic-nic”, destinou-se a angariar fundos para o envio de um dos delegados metalúrgicos ao Congresso Sindical Mundial, contando, em sua programação, com torneio de futebol, concurso de rainha e “grandioso baile no salão do Parque”⁶⁹. Cabe notar que a vencedora no concurso de rainha obteve 7.150 votos. Quanto ao torneio futebolístico, concorreram doze equipes: Sindicato dos Metalúrgicos, EC Santos Azevedo, EC Elevadores Atlas, EC Bicicletas Monark, EC Ford Motor, EC Forjaço, EC Itaetê, EC Metalúrgica Paulista, Mecânica Intrepila, Associação Grassi, Felabra Clube, EC Spam, sagrando-se campeão o EC Ford Motor, em uma final disputada com o Mecânica Intrepila⁷⁰.

Portanto, acreditamos ser possível falar de um “calendário operário”, configurando uma das dimensões – a temporal – da construção cultural da própria classe. Nele, alguns eventos são comemorados exclusivamente por trabalhadores – o 1º de Maio – e outros apenas por metalúrgicos – a data de fundação do sindicato e o “Dia do metalúrgico” –, ao passo que outras datas se entrelaçam com o calendário das festas populares, festejadas muitas vezes em comum com grupos de bairro, como é o caso das festas juninas. Há, ainda, datas respeitadas pela sociedade de maneira geral – como o Dia das Mães e a Páscoa.

Alguns traços de uma cultura operária podem-se distinguir nas manifestações festivas, artísticas ou políticas que ocupam as datas importantes desse calendário. O orgulho de ser trabalhador e do trabalho manual, a busca da “respeitabilidade”, seja pela promoção dos eventos “apoteóticos”, seja pela obtenção do reconhecimento “oficial”, conferido pela presença das autoridades aos eventos, são alguns desses traços. Da mesma forma, pode-se perceber uma vontade de reforçar o pertencimento a uma “família”: a família têxtil, a família metalúrgica ou a família proletária. Esse significado parece estar subjacente ao costume de realizar piqueniques de final de ano, comemorar o Dia das Mães ou o Carnaval entre companheiros de classe. Não se trata, porém, de uma cultura isolada, mas em contato aberto com outras práticas culturais, como a “cultura caipira”, no exemplo notável das festas juninas. Por outro lado, pode-se notar nas festas a presença, já, dos artistas da mídia: do rádio e mesmo da TV.

Lazer operário e popular

Muito da cultura operária e popular também se manifesta nas formas de lazer adotadas.

Os piqueniques não eram organizados apenas nos finais de ano, nem se tratava de uma prática exclusiva dos metalúrgicos. De fato, há notícias da organização de piqueniques como recurso de mobilização de massas pelo PCB desde 1929, em Porto Alegre, com orquestra, partidas de futebol, distribuição de prêmios às crianças e quermesse⁷¹. Eventos semelhantes eram promovidos nos anos 1950. Atento à natureza “política” de alguns piqueniques, o Dops proibiu a realização de um, programado para fevereiro de 1954, na Represa de Guarapiranga, pela Comissão Estadual Pró-Imprensa Popular (Cepip), entidade criada pelo PCB⁷².

No Sindicato dos Têxteis, no período estudado, desde 1953 registra-se a realização de “convescotes”⁷³. Nos anos 1930 a oposição sindical, que atuava na sub-sede do Belém, era responsável pela promoção das festas do sindicato⁷⁴. Nos anos 1950 e 1960, os piqueniques parecem ter ficado a cargo do Departamento Feminino e, como locais procurados, podemos mencionar Santos e Itapevi. Para que se tenha uma idéia das dimensões que o evento poderia adquirir basta ler a nota publicada em *O Trabalhador Têxtil*: “Não vai ser um simples piquenique, mas um acontecimento social de vulto para a família têxtil. Reuniremos mais de dez mil pessoas, num grande parque, num maravilhoso local (...)”⁷⁵.

Os piqueniques eram, também, um lazer popular, promovidos por associações de bairro, como é possível perceber pela reportagem do jornal *Notícias de Hoje*, de fevereiro de 1956. Informava-se sobre a realização de um “convescote” na Praça de Esportes do Clube de Regatas Nitro Química, de São Miguel Paulista, promovido pela Associação Feminina de Vila Granada. Estava prevista uma programação com: jogos de futebol, show com artista da Rádio Nacional, jogo de bola ao cesto, voleibol, “brincadeiras campestras”, baile de salão e eleição da rainha da festa⁷⁶.

Em 1957, o Conselho Local de Vila Independência, a Associação Cultural Recreativa em Defesa da Paz Grito do Ipiranga e o Grêmio Rui Barbosa, do Bom Retiro, promoveram um piquenique com mais de 3 mil participantes. Entre os divertimentos, foram registrados um “animado baile”, diversas brincadeiras, corridas com ovos na colher, corrida de agulha, com farta distribuição de prêmios aos vencedores. Avaliou-se que entre os presentes, mais de quinhentos eram sócios encaminhados pelos sindicatos de São Bernardo. O objetivo da festa era homenagear o prefeito Wladimir de Toledo Piza e o presidente da Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTC), Oscar Pedroso Horta⁷⁷.

Outra forma importante de lazer popular era, obviamente, o futebol. A proverbial paixão do brasileiro pelo futebol se impôs, de baixo para cima, tanto às elites – que se viram frustradas em seus intentos de monopolizar a práti-

ca do esporte – quanto às esquerdas – uma vez que anarquistas e comunistas denunciavam, nos anos de 1920, os efeitos “maléficos” dos clubes de fábrica, poderoso “ópio” capaz de minar a união da classe, segundo Fátima Antunes. Como observa a autora: “O apego à doutrina política e a certa visão de mundo impedia que anarquistas e comunistas compreendessem que o futebol já fazia parte da cultura operária”⁷⁸. A associação do futebol à nacionalidade, foi, porém, uma construção conduzida pelo Estado, trabalhando sobre emoções e relações já existentes.

Em São Paulo, os primeiros campos de várzea surgiram por volta de 1902. Logo se formaram clubes nos bairros operários: Brás, Belém, Penha, Bom Retiro, Canindé, Santana, Ipiranga, responsáveis pelo fomento não apenas do “esporte bretão”, mas também de bailes, piqueniques, excursões e pescarias, com a participação de toda a família. Segundo Antunes, na década de 1920, “todo bairro operário contava com seus times de várzea”⁷⁹.

Todos os depoimentos colhidos na presente pesquisa junto a lideranças de bairro confirmaram a importância do futebol como a principal prática do lazer operário e popular. Na Mooca foram fundados diversos clubes, como o Oliveira Futebol Clube, em 1937, funcionando até hoje, o Vasco da Gama, o Portuguesa da Mooca, o Lituânia, o Suábia, o Madri Futebol Clube, o Crespi F.C – rebatizado, na década de 1930, como Clube Atlético Juventus⁸⁰. Como já foi assinalado por vários autores, a organização dos clubes de várzea dava vazão à exigência popular de um associativismo autônomo, livre da tutela do Estado, e isso se verificava na organização não apenas dos clubes e times, mas também das “ligas varzeanas”, como lembra Isidoro Del Vechio, presidente da Sociedade Amigos da Mooca.

No Belenzinho também atuavam diversos clubes. Segundo Manuel Pitta, presidente da Sociedade Amigos do Belém (SAB):

(...) Como a gente não tinha televisão naquele tempo, não tinha jogo transmitido, nós íamos assistir aos jogos aqui no bairro, e lotavam os campos de várzea, era o divertimento dos domingos de manhã, ou de tarde (...) Tinha uns dez, doze, quinze campos de várzea naquele tempo.

É interessante notar que há evidências de que o futebol vinculava-se à afirmação de identidades particulares, de bairros, etnias, fábricas (e até seções de fábricas) e também a identidades mais gerais: de categoria profissional, classe ou nação.

Os clubes de futebol muitas vezes eram organizados por membros das comunidades étnicas: portugueses, italianos, espanhóis, eslavos. Duarte assinala que, nos anos de 1930/1940, o futebol de várzea “(...) não opunha

apenas dois times. Ele opunha dois bairros, dois espaços, dois territórios, duas paixões”⁸¹.

No caso do futebol de fábrica, as pesquisas de Antunes e Lopes demonstraram o empenho de indústrias de todo o país, e particularmente as têxteis, em organizar e manter clubes de futebol. O caso da Cia. Progresso Indústria, mais conhecida como fábrica Bangu, é o mais célebre⁸². Um dos efeitos buscados pelas empresas evidencia-se no depoimento de Miguel Terribas, funcionário da J. Aliperti por 42 anos e participante das partidas do campeonato interno promovido pela indústria: “Até enquanto eu estive, vamos dizer, era tudo uma família lá.” Fontes também se refere ao empenho da direção da Nitro Química em fomentar um sentimento de integração à “família nitrina harmoniosa e feliz”, uma dimensão do modelo paternalista de organização das relações sociais de trabalho⁸³. O futebol de fábrica organizado pela empresa – às vezes promovendo torneios internos, às vezes participando de torneios interfábricas – representava, portanto, uma das formas pelas quais os industriais empenhavam-se em controlar o lazer operário.

Na maioria dos casos, porém, os clubes de fábrica eram criados por iniciativa dos próprios trabalhadores, que iam posteriormente procurar o apoio da direção da fábrica, que passava, então, a subsidiar as atividades do clube⁸⁴.

Cabe notar que o PCB acabou “descobrir” o futebol e os esportes como meios para atuar na “frente de massas”. Em Porto Alegre chegou a organizar a Federação de Esportes Proletários do Rio Grande do Sul, atuante no final dos anos 1920⁸⁵. Em São Paulo, o militante Eduardo Dias criou o Clube Esportivo Dínamo Paulista, para aproximar-se da classe por meio do esporte, já que politicamente estava difícil, nos anos 1940⁸⁶. A capacidade dos clubes de futebol servirem como “caixa de ressonância” das reivindicações dos bairros foi constatada, também, pelo vereador janista Tarcílio Bernardo em São Miguel Paulista e, talvez, essa proximidade entre mobilização para o esporte e para a política seja uma das características intrínsecas à vida dos clubes de várzea⁸⁷.

No Sindicato dos Têxteis, que muito se orgulhava de possuir um estádio próprio, o Maria Zélia, e um time, o Estift F.C., o futebol associava-se ao torneio interfábricas, realizado anualmente, e a eventos e campanhas diversos⁸⁸. O futebol podia, por exemplo, incentivar campanhas de sindicalização, como em 1954, quando o times da diretoria e funcionários do sindicato enfrentou o da Tecelagem Sílvia – evento regado por cem litros de chope e abastecido com duzentos sanduíches⁸⁹. Ou podia marcar os festejos de 1º de Maio, como em 1955, quando se realizou no Estádio Maria Zélia um torneio entre times de vários sindicatos⁹⁰.

Era realizado, também, um torneio intersindical com a participação das equipes dos têxteis, metalúrgicos, bancários, entre outras.

Entre os metalúrgicos, o primeiro campeonato entre fábricas foi programado para janeiro de 1963. Ocorreria aos sábados e envolveria trabalhadores da capital, Osasco e Guarulhos. As equipes inscritas deveriam ter trinta atletas, dos quais 51% metalúrgicos. Revelando seu estilo próprio, o sindicato estabeleceu que todos os participantes receberiam medalhas e as equipes, prêmios. Os classificados seriam agraciados com outros prêmios. No 1º de Maio seria realizado um desfile de encerramento do campeonato, do qual todos os atletas deveriam participar uniformizados e portando as bandeiras de suas agremiações⁹¹.

Se o futebol representava o principal lazer masculino – embora muitas vezes as mulheres e famílias fossem integradas como torcedoras e partícipes das festas que eventualmente sucediam as partidas – os concursos de rainha figuravam como um dos mais apreciados divertimentos femininos. Desde a inscrição das candidatas, passando pela caça aos votos – em alguns casos com a mobilização de “cabos eleitorais” – até a coroação final, dava-se uma grande movimentação envolvendo mulheres e famílias, com fortes implicações emocionais. Além de lazer, tratava-se, é possível supor, de forma cultural de reelaboração da representação da figura feminina no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial, quando as sociedades modernas foram obrigadas a lidar com uma nova presença das mulheres no mundo do trabalho, na política, na esfera pública. Há, reforçando essa hipótese, uma coincidência quase exata das datas do início dos concursos oficiais da “rainha dos trabalhadores” na Argentina e no Brasil: aqui, começaram a ser promovidos pelo Sesi em 1949 e lá, em 1948, como parte das comemorações do 1º de Maio organizadas pelo governo peronista, prosseguindo anualmente até 1955⁹².

Os concursos de rainha já foram analisados como prática destinada a reforçar as ideologias de gênero, sexistas⁹³. No caso do México, onde eram promovidas competições de “miss-empresa”, fariam parte “dos diversos meios de manipulação psicológica para moldar uma força de trabalho dócil e rentável”⁹⁴. Outros autores, porém, reconhecem que, nos países da América Latina onde ocorria o torneio, o título de “Rainha dos Operários” tanto podia refletir consciência política como beleza física⁹⁵. No caso da Argentina, Mirta Lobato observa que os concursos, oficializados pelo governo peronista e realizados durante os festejos de 1º de Maio, “davam forma a uma experiência político-cultural na qual as mulheres ocuparam um papel preponderante, mas subordinado”⁹⁶.

De fato, verificam-se – assim como no 1º de Maio e no futebol – lutas pela atribuição de significado aos concursos, uma vez que, nos dois extremos do espectro ideológico, tanto o Sesi quanto o PCB promoviam competições, associando-as a valores diferentes.

É provável que os concursos de rainha dos trabalhadores pretendessem imitar os de miss, praticados, com interrupções, no Brasil desde 1930, embora as raízes do evento possam alcançar tempos imemoriais, na interpretação de Mirta Lobato: a antiguidade grega, continuando na Europa medieval – nas festas da rainha de maio para representar a realeza ou nas inúmeras festas do trabalho camponês⁹⁷. Segundo Joaquim Ferreira Santos, “não havia programa mais elegante no calendário social de junho de 1958 do que assistir ao concurso de misses no Maracanãzinho”⁹⁸. Já se observou que os “bailes da primavera”, organizados anualmente pelo Sesi, quando era coroada a vencedora do concurso de “Rainha dos Trabalhadores”, promovido por aquela entidade, constituíam uma “boa oportunidade para os *brotinhos* da classe operária imitarem as festas de debutantes da classe alta”⁹⁹.

Assim, uma primeira constatação é que, nas sociedades modernas, não constituindo as classes configurações fechadas em si mesmas – ainda que se verifique segregação espacial e social – não podemos encontrar uma cultura de classes autônoma. As “culturas de classe” são relativamente ambíguas, verificando-se – como já foi analisado para outros contextos – circularidades: assim como o 1º de Maio sofreu apropriação pelo Estado e empresariado, os concursos de miss encontraram sua versão proletária¹⁰⁰.

Uma segunda observação sobre os concursos de rainha é que parecem demonstrar uma ambição de “respeitabilidade” e mesmo de “glória” e “grandeza”, mas associada à condição operária: afinal, o título de “rainha” vinha ligado à condição operária – “dos trabalhadores”, ou “dos metalúrgicos”, e assim por diante.

Um terceiro aspecto a registrar é que, em sua transformação em prática integrada a uma cultura operária e popular, os concursos sofreram adaptações e modificações significativas, que iam desde sua vinculação às campanhas de sindicalização¹⁰¹ – sendo negado, portanto, seu caráter de mero torneio de beldades – até a criação de modalidades masculinas, tais como o concurso do “metalúrgico mais simpático”.

Seja como for, o fato é que os concursos de rainha se tornaram verdadeira febre popular nos anos 1950 e não havia festa, piquenique, encontros de sindicato ou bairro que não escolhesse e coroasse a sua rainha.

A versão patronal do concurso cabia ao Sesi organizar, o que vinha sendo feito desde 1949. As inscrições eram individuais, por empresas ou entidades de classe até o dia 24 de dezembro. A eleição se dava na “Festa de Confraternização Operária”, ocorrida no Pacaembu no primeiro dia do ano. Em 1955 registrou-se a presença de 12 mil pessoas: “(...) além dos trabalhadores e suas famílias, autoridades governamentais, líderes da indústria e dirigentes de sindicatos patronais e operários”. A conotação que se buscava conferir aos

festejos fica patente no discurso do delegado da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI) em São Paulo, Francisco José de Oliveira, segundo o qual tratava-se de “(...) um ato fraternal, um ato de harmonia entre empregadores e empregados, razão pela qual se sentia feliz vendo o grande número de trabalhadores industriais ali presentes”¹⁰².

O PCB, por sua vez, confirmando sua notável capacidade de criar “frentes de massa” e mergulhar na cultura operária e popular, promovia, pelo menos desde 1946, por meio de seu jornal *A Classe Operária*, o concurso de rainha dos trabalhadores – vencido naquele ano por Clara Sharf¹⁰³. Em 1953, por sua vez, a Comissão Lapeanos de Ajuda à Imprensa Popular resolveu contribuir para a “Campanha nacional de 15 milhões de ajuda à imprensa popular”, promovendo o Concurso Rainha da Lapa¹⁰⁴. Vemos aqui, portanto, o concurso servindo a uma causa muito diferente da “harmonia de classes” apregoada pelo Sesi.

A União Geral dos Trabalhadores (UGT), entidade intersindical controlada pelos comunistas, promoveu em 1954 e 1955 (quando foi fechada pelo Ministro Alencastro Guimarães) o seu Concurso da Rainha dos Trabalhadores de São Paulo¹⁰⁵. A magnitude do evento cresceu significativamente de um ano para outro: em 1954 registraram-se quinze candidatas – que ajudaram a animar a festa de 1º de Maio desfilando no Estádio Proletário¹⁰⁶. A vencedora foi a operária têxtil Marlene Garcia, para júbilo dos membros da diretoria do sindicato, que resolveu premiá-la com viagem ao Rio de Janeiro¹⁰⁷.

No ano seguinte a participação saltou para 150 candidatas, apresentadas por quarenta sindicatos. Podia concorrer toda trabalhadora sindicalizada. Cada voto custava um cruzeiro e a arrecadação seria destinada ao prêmio: viagem a Roma, de quinze dias, com acompanhante e hospedagem em “hotel de primeira classe” para a rainha e aparelho de tevê e máquina de costura para as duas princesas. No dia 28 de agosto de 1955 promoveu-se, na chácara Rudge Ramos, uma “festa de confraternização da família operária”, consistindo em “piquenique com canções e bailes”, como parte dos preparativos do concurso. Esse concurso, promovido inicialmente pela UGT e aparentemente encerrado pela Associação dos Profissionais de Imprensa de São Paulo após a proscricção daquela entidade, permite-nos vislumbrar, pela quantidade de votos recebidos pelas primeiras colocadas, o grau de mobilização que os eventos podiam alcançar. A vencedora, Conceição Alves Chequetto, obteve 61.536 votos e a segunda colocada, Maria da Penha de Dominicis, 59.250¹⁰⁸. Vale lembrar que, segundo cálculos do *Última Hora*, um deputado federal por São Paulo precisava, em 1958, de 15 mil votos para eleger-se. Nas eleições de outubro daquele ano o ex-vereador e ex-deputado estadual Franco Montoro elegeu-se com 36.646 votos e o líder sindical Salvador Romano Losacco, com 10.920¹⁰⁹.

Portanto, o concurso de rainha não era brincadeira. Na Argentina, como demonstrou Mirta Lobato, fora promovido inicialmente pelo jornal *El Laborista*, em 1947, aberto apenas a mulheres associadas a algum sindicato. A partir de 1948, foi integrado às comemorações de 1º de Maio promovidas pelo governo peronista e as vencedoras eram coroadas por Perón em pessoa, ou por Evita. Eram recebidas na Casa de Governo, acolhidas pelos sindicatos e pela Fundação Eva Perón. Visitavam os jornais que apoiavam o governo, assim como fábricas, e percorriam a cidade.

Tratava-se, decerto, de prática assentada sobre relações sociais patriarcais pressionadas por mudanças. Essa prática, porém, não necessariamente “reforçava” as relações patriarcais, mas as “refratava”, criando fissuras e possibilidades de outros usos. A interpretação de Mirta Lobato para o caso argentino parece aplicar-se também ao brasileiro – com a diferença de que o governo de Perón interessou-se diretamente pelo certame, oficializando-o. Mas podemos concordar com a autora quando afirma que os concursos transformaram a representação tradicional da mulher, pois a imagem de rainha do lar foi substituída pela presença da mulher operária convertida em rainha. Ainda segundo a autora: “A figura da rainha do trabalho encarnava a combinação perfeita entre a qualidade da trabalhadora e a da mulher bela, que por décadas foram consideradas incompatíveis”¹¹⁰.

Portanto, parece ser o campo da cultura operária e popular o âmbito de afirmação de identidade, contatos com outras culturas ou “subculturas”, combinações e negociações. O fato é que o prestígio conquistado pela rainha poderia, por exemplo, conferir-lhe um lugar à mesa de uma assembléia têxtil, ao lado dos dirigentes sindicais, como sucedeu com Marlene Garcia em julho de 1954, ou, em uma situação diferente, poderia credenciá-la a liderar um motim urbano, como ocorreu com “Nana”, “rainha do Carnaval” em Santiago del Estero, que liderou o “Santiagueñazo” em 16 de dezembro de 1993 – quando foram destruídos a Casa de Governo, a legislatura, os tribunais e as residências de 25 políticos locais¹¹¹.

Os bailes e festas eram outra forma de lazer muito apreciadas por operários e classes populares em geral. No Clube de Regatas Nitro Química, em São Miguel Paulista, os bailes eram semanais e “atraíam centenas de moradores”¹¹². Os clubes de futebol ocupavam-se, muitas vezes, da organização de bailes, como informou Isidoro Del Vecchio, de forma saudosa:

Os clubes, por exemplo, no domingo à noite faziam reuniões dançantes, uma coisa muito séria, muito familiar, muito gostoso de se freqüentar, porque o ambiente era respeitoso, porque as moças compareciam, participavam, levando a mãe, a mãe ficava sentada, uma coisa bonita. Então os clubes de futebol também se desenvolviam nessa parte de uma noite de dança.¹¹³

Às vezes eram as Sociedade Amigos de Bairro (SABs) a promover bailes¹¹⁴. O PCB, aqui também, estava inserido na cultura popular, promovendo bailes, por exemplo, para arrecadar fundos para a “imprensa popular”. Um convite, apreendido pelo Dops informa sucintamente:

Convite

Baile dos operários da Mariangela de ajuda à Imprensa Popular
No salão da Comissão Tiradentes
Rua Caetano Pinto, 231
A Comissão Zélia Magalhães
Orquestra Invisível.¹¹⁵

Em meados dos anos de 1950, a operária têxtil Ignez Augusta, filiada ao PCB, resolveu, juntamente com o seu assistente político, o célebre João Saldanha, promover um baile em homenagem às colegas de trabalho que haviam participado com muito empenho da campanha de coleta de assinaturas pela paz. O local escolhido foi o Clube Montesanto, na rua da Mooca, cujos donos eram simpatizantes do partido. João Saldanha, elegante, com um chapéu vistoso, fez muito sucesso entre as operárias, fazendo a entrega de prêmios a algumas¹¹⁶.

As festas do Sindicato dos Têxteis parecem ter tido muito sucesso – possivelmente pela presença de um variado público feminino – a julgar pela decisão da diretoria, em julho de 1954, de limitar a quantidade de convites distribuídos por associado, pois eles vinham sendo posteriormente vendidos¹¹⁷. Uma boa idéia teve alguém no Club dos Motoristas, situado na vizinha rua Jairo Góis, encaminhando proposta ao Sindicato dos Têxteis de realização de bailes conjuntos. Mas o possível conagraçamento entre motoristas e tecelãs ficou pendente de um estudo do diretor Nivaldo Fonseca¹¹⁸.

Assim como outras práticas culturais, os bailes também podiam ser usados para fortalecer as lutas ou a organização sindical, como ser verifica em janeiro de 1956, quando se obteve a cessão do salão do Pacaembu para a realização de um baile comemorativo do encerramento da campanha de sindicalização¹¹⁹.

Entre as outras formas de lazer popular também devem ser lembrados o *footing*, os parques de diversões, os banhos de rio, os botequins, o cinema e o teatro.

Assim, pode-se dizer que enquanto no “calendário operário” verificava-se uma “luta de representações” pelo poder de atribuir significados a determinadas datas, nas práticas de lazer verificava-se uma luta por seu controle e direção. O Sesi, o empresariado e o Estado empenhavam-se em propiciar um

lazer que afirmasse os valores próprios de um operário ordeiro, ligado à família, e os ideais de paz e harmonia entre empregados e empregadores. Os sindicatos, por sua vez, não deixavam de também normatizar o lazer operário, reforçando os laços de pertencimento à categoria, infundindo um sentimento de orgulho pela grandeza de sua entidade de classe, construindo a imagem de um operário e operária consciente, participativo, patriótico.

Os operários, operárias e outros setores populares, por sua vez, preservavam alguns espaços autônomos de associativismo – como os clubes de bairro, por exemplo, responsáveis pelo futebol e o baile – e outros espaços inteiramente informais de encontro e reunião, como os botequins. Não parece, porém, ser uma característica da cultura operária e popular o zelo por manter-se isolada. Ao contrário, a procura de reconhecimento, respeitabilidade, como vimos, é uma de seus traços marcantes, mas também o ecletismo, a abertura a várias misturas e influências. O que parece ter sido fundamental, como vetor “organizador” da experiência cultural, foi a possibilidade objetiva de fazer a experiência de vida coletiva e elaborar os seus significados. Assim, o declínio dos clubes varzeanos, despejados de seus terrenos, foi denunciado mais de uma vez em jornais operários, já em 1954 e, de fato, representou um dos fatores de desestruturação das possibilidades objetivas de preservação e reinvenção da cultura operária e popular nos anos seguintes. Parece-nos ter conseqüências análogas a generalização de um lazer comercializado e a penetração da televisão no cotidiano do trabalhador – lembrada em alguns depoimentos como espécie de símbolo de um lazer oposto às formas anteriores, vividas coletivamente. A característica fundamental da “cultura de massas” veiculada pela televisão é que ela já vem pronta, o telespectador nunca é co-partícipe de sua construção. O império da cultura de massas se impôs de tal forma, colonizando outras práticas, que os artistas do rádio e às vezes da TV, que nos anos 1950 eram convidados para fazer uma apresentação em festejos de 1º de Maio amplamente preenchidos por atividades “de operários para operários”, hoje ocuparam todo o palco, restando aos trabalhadores apenas aplaudir. Assim, podemos dizer que as mudanças na configuração do espaço urbano, com a comercialização cada vez mais intensa do solo, determinaram o fechamento de muitos clubes de bairro, desestruturando parte das condições materiais para a elaboração de uma cultura operária e popular. Por sua vez, o avanço da indústria cultural, transformando o tempo de lazer em tempo de consumo de entretenimento ou mercadorias, solapou a outra parte. A derrota da classe trabalhadora adiante da ascensão do projeto de “modernização conservadora” implementado pela ditadura civil-militar, foi, assim, no sentido mais profundo, também uma derrota cultural.

RESUMO

O presente artigo estuda duas formas de manifestação da cultura operária: o calendário festivo e a organização do lazer. O foco da análise concentra-se nas duas categorias mais numerosas e atuantes do proletariado industrial de São Paulo, capital, metalúrgicos e têxteis, e cobre o período que vai do início do segundo governo Vargas, em 1950, até o golpe civil-militar de 1964. Foi prestada especial atenção ao papel desempenhado pelos sindicatos dos metalúrgicos e têxteis na organização do calendário e do lazer operário. Tenta-se interpretar valores, significados e formas de consciência presentes em eventos como festas juninas e comemorações do Dia do Trabalhador e em criações como a poesia operária.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura; sindicatos; classe operária.

ABSTRACT

The present article studies two forms of demonstration of the workforce culture: the parties schedule and the leisure organization. The analysis focus on the two largest and active categories of São Paulo city proletarian class, the metallurgys and textile workers, and runs over the period between Vargas second turn, in 1950 and the 1964 civil military action. Special attention was given to the role of the metallurgy and textile trade unions in the organization of the schedule and workers' leisure. It is an attempt to explain values, meanings and points of views presents in events, such as Junine parties (a typical Brazilian festival) and Labour Day celebrations and in productions as the workers poetry.

KEYWORDS

Culture; labour unions; working class.

NOTAS

¹ Doutor em história pela Universidade de São Paulo e coordenador do curso de História da Faccamp (Faculdade Campo Limpo Paulista). Contato do autor: mlealpereira@terra.com.br.

² Ata de Reunião da Diretoria do Sindicato dos Têxteis de São Paulo, 19 jan. 1959, p. 91, verso. "Grandes bailes carnavalescos patrocinados pelo Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de São Paulo". *O Trabalhador Têxtil* (nova fase). São Paulo, n. 25, jan. 1959.

³ "Carnaval dos metalúrgicos". *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 177, jan.-fev. 1959, p. 8.

⁴ "Carnaval dos metalúrgicos". *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 189, fev. 1960, p. 1.

⁵ Ata de Reunião da Diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, 14 fev. 1962, p. 86, verso.

⁶ A documentação consultada não permitiu apurar se os trabalhadores têxteis também comemoravam uma data própria da categoria.

⁷ “9 de abril: data nacional dos metalúrgicos”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 163, abr.-maio-jun. 1957, p. 1.

⁸ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁹ “9 de abril: data nacional dos metalúrgico”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 163, abr.-maio-jun. 1957, p. 1. A comemoração em 1958 teve o mesmo caráter: “9 de abril – Data nacional dos metalúrgicos”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 170, abr.-maio-jun. 1958, p. 8.

¹⁰ “9 de abril – Data nacional dos trabalhadores metalúrgico”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 198, mar. 1961, p. 1.

¹¹ Ata da Assembléia Geral Extraordinária do Sindicato dos Têxteis de São Paulo, 25 jun. 1961, p. 133.

¹² Em 1955, por exemplo, quatro metalúrgicos compuseram versos para as mães. “Homenagem às Mães”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 142, maio 1955, p. 6.

¹³ “Dia das Mães”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 180, maio 1959, p. 8.; “Dia da mãe metalúrgica”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 206, mar.-abr.-maio 1962, p. 7.

¹⁴ Em 1956 o Departamento Feminino encaminha um ofício à diretoria solicitando a liberação do salão, obtida prontamente para as “manifestações do dia memorável, a data 13 de maio, dia dedicado à Mãe Brasileira”. Ata de Reunião da Diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, 10 maio 1956, p. 153.

¹⁵ “Metalúrgicos comemoram o Dia das Mães”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 163, abr.-maio-jun. 1957, p. 1.

¹⁶ “Dia da mãe metalúrgica”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 206, mar.-abr.-maio 1963, p. 7. Não encontramos registro de comemoração da data no Sindicato dos Têxteis.

¹⁷ HOBSBAWM, Eric. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre a história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 113.

¹⁸ Comparativamente, é interessante notar que o governo peronista, tendo se instalado em 1946, neste mesmo ano, pela primeira vez na história argentina, associou-se às comemorações de 1º de Maio dos sindicatos. Segundo Mirta Lobato: “Tinha início um processo de apropriação dos símbolos e significados associados ao Dia dos Trabalhadores e às ideologias que haviam lutado para orientá-los”. “Manifestaciones y rituales bajo el peronismo/Las reinas del trabajo”, *La Marcha – Los muchachos peronistas*, nº 2, p. 17 (tradução do autor).

¹⁹ GOMES, Ângela de Castro. *Invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p. 200.

²⁰ PARANHOS, Adalberto. *O roubo da fala: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 97.

²¹ “Primeiro de Maio – Salve data magna do trabalhador!”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 120, maio 1953, p. 1.

²² Em 1952 a única notícia registrada do 1º de Maio no jornal dos metalúrgicos fora o discurso de Vargas, ocupando a primeira página. Em 1951 a comemoração se dera no estádio do Pacaembu.

²³ “Comemorado o 1º de Maio”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 120, maio 1953, p. 11.

²⁴ O Decreto-lei n. 9070 foi expedido em 15 de março de 1946, durante os trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte. Restringia o direito de greve e mantinha a tutela do Estado sobre a vida sindical. A regulamentação do direito de greve e a revogação do Decreto n. 9070 foram bandeiras levantadas pelo movimento sindical a partir de 1946, sem sucesso.

²⁵ “Comemorado o 1º de Maio”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 120, maio 1953, p. 11.

²⁶ HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!: vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 50. Distingue as “festas de salão”, realizadas entre 1902 e 1916, mais ligadas aos dirigentes, nas quais prevalecia o aspecto doutrinário e educativo, dos festivais públicos, iniciados em 1917 e mantidos nas décadas de 1920 e 1930, onde prevalecia o aspecto lúdico e de entretenimento coletivo ligado à classe. Eram promovidos por jornais ou associações de trabalhadores e incluíam futebol, teatro, canções típicas, regatas, natação, luta greco-romana, cinematógrafo, bandas de música e fogos de artifício. Batalha também distingue entre as festas militantes e os festivais operários, as primeiras próprias a uma “cultura militante” e os segundos mais ligados à uma “cultura de classe”. BATALHA, Cláudio. “Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República”. In BATALHA, C. *et alii* (orgs.). *Culturas de classe*. Campinas: Unicamp, 2004, p. 113.

²⁷ “O 1º de Maio dos trabalhadores sindicalizados”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 131, maio 1954, p. 8. Com antigo morador da região foi possível apurar que o “estádio” era, na verdade, algum campo de futebol com arquibancadas.

²⁸ “Será no Parque D. Pedro a comemoração de 1º de Maio”. *Última Hora*. São Paulo, n. 945, 27 abril 1955, 1º Caderno, p. 7.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ Ata da Assembléia Geral Extraordinária do Sindicato dos Têxteis de São Paulo, 21 abril 1955, p. 136.

³¹ “Peneira sindical”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 142, maio 1955, p. 3.

³² “Será no Parque D. Pedro a comemoração de 1º de Maio”. *Última Hora*. São Paulo, n. 945, 27 abr. 1955, 1º Caderno, p. 7

³³ Dossiê Dops 50-Z-315, p. 545; e “1º de Maio dos trabalhadores e dos sindicatos”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 142, maio 1955, p. 4.

³⁴ WEINSTEIN, Barbara. *A (re)formação da classe trabalhadora no Brasil (1920-1964)*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 228.

³⁵ *Ibidem*, p. 230.

³⁶ *Ibidem*, p. 408.

³⁷ “Comemorações monstro marcarão a data máxima do trabalhador”. *Última Hora*. São Paulo, n. 1.252, 30 abr. 1956, 1º Caderno, p. 3.

³⁸ LONER, Ana Beatriz. *O PCB e a linha do Manifesto de Agosto*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 1985, p. 68.

³⁹ “Impressionante espetáculo de civismo os festejos da data magna do trabalho”. *Última Hora*. São Paulo, n. 1.253, 5 maio 1956, p. 1.

⁴⁰ “1º de Maio unido pelas reivindicações mais sentidas”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 152, maio 1956, p. 1.

⁴¹ “Desfile de 15 mil trabalhadores sob a bandeira da emancipação econômica”. *Última Hora*. São Paulo, n. 2.476, 2 maio 1960, 1º Caderno, p. 4; e “Fala do significado histórico da data, dos mártires de Chicago”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 191, abr.-maio, 1960, p. 1.

⁴² WEINSTEIN, *op. cit.*, p. 231 e 408.

⁴³ Organização sindical anticomunista, formada durante o I Encontro Interestadual do Sindicalismo Democrático, realizado em São Paulo em julho de 1961. Apoiou o golpe civil-militar de 1964, e pôde nomear interventores para diversos sindicatos.

⁴⁴ “1º de Maio: trabalhadores clamam ao Congresso pelo 13º e contra a carestia”. *Última Hora*. São Paulo, n. 3.096, 2 maio 1962, p. 6.

⁴⁵ “1º de Maio”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 199, abr.-maio-jun. 1961, p. 5.

⁴⁶ “Unidos os trabalhadores comemoram o 1º de Maio”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 199, abr.-maio-jun., 1961, p. 1.

⁴⁷ “Inauguração da sub-sede dos metalúrgicos fez vibrar Guarulhos”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 200, jun. 1961, p. 1 e 4.

⁴⁸ “Grande festa junina”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 153, jun. 1956, p. 1; e “Festas juninas no Sindicato dos Metalúrgicos”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 154, jul. 1956, p. 4.

⁴⁹ “Grandiosas festas juninas do Sindicato dos Metalúrgicos”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 163, abr.-maio-jun. 1957, p. 8.

⁵⁰ “Festas juninas dos trabalhadores”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 181, jun. 1959, p. 8.

⁵¹ “Promoção de festejos pelo sindicato”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 206, mar.-abr.-maio 1962, p. 3.

⁵² Ata da Reunião de Diretoria do Sindicato dos Têxteis de São Paulo, 8 maio 1957, p. 74.

⁵³ SILVA, A. J. “A carestia”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 143, jun. 1955, p. 7.

⁵⁴ “Eu vou beber”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 209, nov.-dez. 1962, p. 6.

⁵⁵ “Vitória dos Metalúrgicos”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 196, dez. 1960, p. 5.

⁵⁶ No começo dos anos de 1960 foram publicados três números – edições extraordinárias da coleção *Cadernos do Povo Brasileiro*, editados pela Civilização Brasileira. A coleção *Violão de Rua* surgiu de uma iniciativa de Ferreira Gullar, Oduvaldo Vianna Filho e Moacyr Felix e foi produzido em parceria com o CPC da UNE. Segundo Ridenti, a coleção “(...) expressa a utopia do *povo* como regenerador e redentor da humanidade, mesclada a um marxismo humanista (...)”. Cf. RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 113, 114 e 119.

⁵⁷ “Homenagem à data de 1º de Maio”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 206, mar.-abr.-maio 1962, p. 1.

⁵⁸ HARDMAN, *op. cit.*

⁵⁹ Na documentação consultada não encontramos informações sobre comemorações do aniversário do Sindicato dos Têxteis.

⁶⁰ “Completo o Sindicato dos Metalúrgicos 23 anos”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 148, jan. 1956, p. 5.

⁶¹ “Há 25 anos servindo e defendendo os direitos dos metalúrgicos de São Paulo”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 166, set.-out. 1957, p. 8.

⁶² “Grandiosas festividades coroaram o jubileu de prata do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 169, p. 4. Talvez sejam válidas também para o caso dos metalúrgicos todas as observações apresentadas por Paulo Fontes em relação aos químicos. Segundo o autor, as festas e bailes ocorreram, “Não por coincidência (...) nos momentos de maior ativismo e participação dos trabalhadores”, sendo indicados os períodos de 1945 a 1947 e 1957 a 1964, “repletos de festividades”. FONTES, Paulo. *Trabalhadores e cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50*. São Paulo: Annablume/Sindicato dos Químicos e Plásticos de São Paulo, 1997, p. 141.

⁶³ É interessante notar essa tendência à organização de comissões e departamentos, mesmo aparentemente sem necessidade, como no caso de um departamento social ligado à Comissão de Festejos. Maria Isaura Pereira de Queiroz também constatou, nas escolas de samba e clubes de futebol do Rio de Janeiro, uma tendência a elaboração de estatutos minuciosos com atribuições de funções e distribuição de cargos bastante criteriosa. ANTUNES, Fatima. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1992, p. 217.

⁶⁴ “Jubileu de Prata do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos”. *O Metalúrgico*. São Paulo, nº 167, nov.-dez.1956-jan. 1957, p. 8.

⁶⁵ “Grandiosas festividades coroaram o jubileu de prata do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 169, fev. 1958, p. 4.

⁶⁶ Hardman, apoiando-se em Hobsbawm, lembra que a “cultura operária” é engendrada no terreno em que a classe se encontra isolada, mas por outro lado seus estratos superiores ou mais ativos buscam conquistar “respeitabilidade”, uma vez

que a cultura das classes hegemônicas continua apresentando-se como modelo. Cf. HARDMAN, *op. cit.*, p. 58.

⁶⁷ “Grandioso Pic-Nic a Santos”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 176, dez. 1958, p. 1.

⁶⁸ “Pic-Nic dos metalúrgicos”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 177, jan-fev. 1959, p. 6.

⁶⁹ “O convescote dos metalúrgicos”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 128, jan. 1954, p. 22.

⁷⁰ *Ibidem*. Esse piquenique ficou na memória do metalúrgico Miguel Terribas, que nos relatou: “Eu me lembro uma vez de um piquenique na Vila Galvão, foi muita gente. Naquela época era a época dos piqueniques, né? Hoje em dia acabou isso.”

⁷¹ FORTES, Alexandre. *Nós do Quarto Distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas*. Caxias do Sul/Rio de Janeiro: Educus/Garamond, 2004, p. 281.

⁷² O PCB entrou com mandado de segurança “contra o ato arbitrário e ilegal do Dops, que proibiu a realização da festa”. “Piquenique de Guarapiranga”. *Notícias de Hoje*. São Paulo, n. 621, 13 fev. 1954, p. 8.

⁷³ Ata de Reunião da Diretoria do Sindicato dos Têxteis de São Paulo, 28 jul. 1953, p. 8.

⁷⁴ ALMEIDA, M. M. *O Sindicato dos Têxteis em São Paulo: história (1933-1957)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1981, p. 34.

⁷⁵ “Em Itapevy, em grande piquenique esqueceremos as agruras da fábrica”. *O Trabalhador Têxtil*. São Paulo, n. 21, ago. 1958.

⁷⁶ “Piquenique em São Miguel Paulista”. *Notícias de Hoje*. São Paulo, 12 fev. 1956, Dossiê Dops 50-J-104, p. 702.

⁷⁷ Dossiê Dops 30-J-0, p. 406.

⁷⁸ ANTUNES, *op. cit.*, p. 43 e 44.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 20 e 43.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 32; e Depoimento de Isidoro Del Vecchio.

⁸¹ DUARTE, Adriano Luiz. *Cidadania e exclusão: Brasil 1937-1945*. Florianópolis: UFSC, 1999, p. 300.

⁸² LOPES, José Sérgio Leite. “Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro”. In BATALHA, *op. cit.*, p. 131 e ANTUNES, *op. cit.*, p. 29.

⁸³ FONTES, *op. cit.*, p. 48 e 63.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 33 e 34.

⁸⁵ FORTES, *op. cit.*, p. 279.

⁸⁶ ANTUNES, *op. cit.*, p. 51.

⁸⁷ FONTES, Paulo. *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2002, p. 218.

⁸⁸ Ata da Assembléia Geral do Sindicato dos Têxteis de São Paulo, 29 ago. 1954, p. 105, verso.

⁸⁹ Ata da Reunião de Diretoria do Sindicato dos Têxteis de São Paulo, 1º abr. 1954, p. 20.

⁹⁰ Ata da Reunião de Diretoria do Sindicato dos Têxteis de São Paulo, 20 abr. 1955, p. 43; e “Notícias esportivas”, n. 142, maio 1955, p. 5.

⁹¹ “I campeonato metalúrgico inter-fábricas”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 209, nov.-dez. 1962, p. 7.

⁹² LOBATO, *op. cit.*, p. 18.

⁹³ WOLFE, Joel. *Working Women, Working Men: São Paulo and the Rise of Brazil's Industrial Working Class, 1900-1955*, p. 140.

⁹⁴ DOARÉ, Hélène. “Divisão sexual do trabalho e divisão internacional do trabalho: reflexões a partir das fábricas subcontratadas de montagem (México-Haiti)”. In BULPORT, Andrée Kartchevsky *et alli* (orgs.). *O sexo do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 54.

⁹⁵ WEINSTEIN, *op. cit.*, p. 412.

⁹⁶ LOBATO, *op. cit.*, p. 21 (tradução do autor).

⁹⁷ *Ibidem*, p. 20.

⁹⁸ SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958, o ano que não devia terminar*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 64.

⁹⁹ WEINSTEIN, *op. cit.*, p. 260.

¹⁰⁰ O consagrado modelo da “circularidade” da cultura foi adotado por vários autores. Cf., por exemplo, BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; e GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹⁰¹ Foi o caso, por exemplo, do concurso lançado pelo Sindicato dos Metalúrgicos em setembro de 1956. Cf. “Eleita a rainha dos trabalhadores metalúrgicos”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 160, jan. 1957, p. 8; e “Coroação da Rainha dos Trabalhadores”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 161, fev. 1957, p. 8.

¹⁰² “Coroada no Pacaembu a rainha dos trabalhadores para 1955”. *Última Hora*. São Paulo, n. 853, 4 jan. 1955, 2º Caderno, p. 3; e “Vai ser escolhida a rainha dos trabalhadores de 1955”. *Última Hora*. São Paulo, n. 1.132, 7 dez. 1955, 1º Caderno, p. 10.

¹⁰³ IOKOI, Zilda. *Intolerância e resistência: a saga dos judeus comunistas entre a Polônia, a Palestina e o Brasil (1935-1975)*. São Paulo: Humanitas, 2004, p. 210.

¹⁰⁴ Dossiê Dops 50-Z-315, p. 302.

¹⁰⁵ “Concurso rainha dos trabalhadores promovido pela UGT”. *Notícias de Hoje*. São Paulo, n. 657, 27 mar. 1954.

¹⁰⁶ “O 1º de Maio dos trabalhadores sindicalizados”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 131, maio 1954, p. 8.

- ¹⁰⁷ Ata da Reunião de Diretoria do Sindicato dos Têxteis de São Paulo, 9 set. 1954, p. 33.
- ¹⁰⁸ “Concurso da rainha dos trabalhadores de 1955”. *O Metalúrgico*. São Paulo, n. 147, out.-nov.-dez. 1955, p. 8.
- ¹⁰⁹ “Votação final de todos os candidatos a postos eletivos em 3 de outubro”. *Última Hora*. São Paulo, n. 2.002, 20 out. 1958, 1º Caderno, p. 9; e “Voltarão à Assembléia somente 33 deputados”. *Última Hora*. São Paulo, n. 2.002, 20 out. 1958, ed. matutina, 1º Caderno, p. 3.
- ¹¹⁰ LOBATO, *op. cit.*, p. 18 e 19.
- ¹¹¹ AUYERO, J. “El juez, la reina y el policía: etnografía, narrativa, y los sentidos de la protesta”. *Apuntes de Investigación del Centro de Estudios en Cultura y Política*, ano IV, nº 6, Buenos Aires, nov. 2000.
- ¹¹² FONTES, *Trabalhadores e cidadãos, op. cit.*, p. 102.
- ¹¹³ Depoimento de Isidoro Del Vecchio, p. 4. José das Neves Eustáquio e Noêmio Eustáquio também mencionaram os “bailinhos” promovidos pelos clubes de futebol.
- ¹¹⁴ Depoimento de Durval Gomes.
- ¹¹⁵ Dossiê Dops 50-Z-315, p. 302.
- ¹¹⁶ Depoimento de José Molenídio e Ignez Augusta.
- ¹¹⁷ Ata Reunião de Diretoria do Sindicato dos Têxteis de São Paulo, 12 jul. 1954, p. 28.
- ¹¹⁸ *Ibidem*, 26 jun. 1956, p. 66.
- ¹¹⁹ *Ibidem*, 24 jan. 1956, p. 60.